



**A COOPERA FLORESTA
E AGROFLORESTAS
NO VALE DO RIBEIRA**

COOPERAFLORESTA

A COOPERAFLORESTA E AGROFLORESTAS NO VALE DO RIBEIRA

Projeto Agroflorestar: Vale do Ribeira.

Coordenação: Artur Danton Lima.

Equipe de campo: Adenilson Gonçalves Batista; Ronivaldo de Moura; Rui de Pontes Silva.

Pesquisa e Entrevistas: Margarete Micheletti.

Textos e Revisão: Margarete Micheletti; Artur Dalton Lima.

Edição final: Margarete Micheletti.

Agradecimentos: A Deus, a todos/as agricultores/as, famílias, técnicos/as, voluntários/as, apoiadores/as e parceiros/as que ajudaram a construir a história da Cooperafloresta.

Fotografias: Arquivo pessoal e familiar dos/as agricultores/as; Acervo da Cooperafloresta; Artur Dalton Lima; Adenilson Gonçalves Batista; Ronivaldo de Moura; Margarete Micheletti; Claudiana Vieira Soares; Rogério Sakai; Eduardo Zahn.

Projeto Gráfico e Diagramação: Márcio Lima.

Impressão: Gráfica Soset - Iguape/SP.

Tiragem: 1000 exemplares.

Referências Bibliográficas:

- Publicações da Cooperafloresta disponíveis no site: <https://www.cooperafloresta.com/>
 - * Um olhar sobre o Fazer Agroflorestar.
 - * Agrofloresta, Ecologia e Sociedade.
 - * Encontro de olhares, saberes e sentimentos - Pesquisando agroflorestas.
 - * Vídeo Agroflorestar, semeando um mundo de amor, harmonia e fartura.
- Proter em Revista: Desenvolvendo a agricultura familiar com justiça social, em harmonia com o meio ambiente no Vale do Ribeira.
- Relatório Fórum Desenvolvimento Agroflorestal e Serviços Ambientais no Vale do Ribeira.



Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo (SP) e Adrianópolis(PR) - Cooperafloresta.
Estrada SP 552/230, km 29,5 - Bairro Bela Vista - Barra do Turvo - SP - CEP: 11955-000 - Telefone: (15) 3577-1460

 www.cooperafloresta.com

 [/cooperafloresta.agroflorestar](https://www.facebook.com/cooperafloresta.agroflorestar)

 [@cooperafloresta.agroflorestar](https://www.instagram.com/cooperafloresta.agroflorestar)

A Cooperafloresta e Agroflorestas no Vale do Ribeira

Publicação do Projeto Agroflorestar: Vale do Ribeira, executado pela Cooperafloresta - Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo (SP) e Adrianópolis(PR), e patrocinado pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

Vale do Ribeira (SP/PR) - JULHO de 2019.

Realização



Apoio



Patrocínio



Apresentação

“Nós temos muita história pra contar! E a gente conta nosso exemplo de vida com a agrofloresta porque foi isso que fez a gente estar onde está hoje”. Sezefredo Gonçalves da Cruz, 77 anos

É um pouco da história e da trajetória da Cooperafloresta que está contada nesta publicação. Uma história que inspira e merece ser compartilhada porque envolveu muita gente ao longo de uma caminhada que está completando quase 25 anos. São centenas de agricultores e agricultoras familiares e tradicionais, técnicos de campo, profissionais de diversas áreas, pesquisadores, estagiários, voluntários, visitantes, organizações, agentes de instituições e empresas financiadoras, apoiadoras e parceiras... É muita gente! E a história não para...

As pessoas que contam suas histórias nessa publicação são como que “porta-vozes” de todos/as os/as demais que ajudaram a construir a trajetória da Cooperafloresta e contribuíram para o desenvolvimento dos sistemas agroflorestais no Vale do Ribeira. A ideia é mostrar um pequeno retrato dessa história contada por seus protagonistas, destacando os principais fatos, as dificuldades, as conquistas, a resistência necessária de quem acreditou e ajudou a plantar as sementes de um modo sustentável de fazer agricultura na região, mostrando que é possível e viável produzir alimentos agroecológicos ao mesmo tempo em que se conserva os recursos naturais. O percurso traçado por essas pessoas mostra também que é possível construir um outro mundo, onde “Gentes e Natureza” trabalham unidas, como bem demonstra o slogan da Cooperafloresta.

A publicação é um convite para que mais e mais pessoas conheçam o que agricultores/as que fazem parte da Cooperafloresta têm para nos contar. O que essas pessoas fizeram e continuam fazendo para garantir a conservação da sociobiodiversidade

no território do Vale do Ribeira (SP/PR) e continuar levando alimentos agroecológicos à mesa de muitas famílias e comunidades.

Esse trabalho foi viabilizado pelo Projeto “Agroflorestar: Vale do Ribeira”, realizado pela Cooperafloresta e patrocinado pela Petrobras através do Programa Petrobras Socioambiental. Esta terceira edição do Agroflorestar garantiu recursos não somente para fortalecer a atuação da Cooperafloresta por meio de diversas ações, mas também para disseminar a ideia da agrofloresta pela região do Vale do Ribeira. Além das histórias de quem ajudou a Cooperafloresta a chegar ao patamar atual de organização e de referência nacional em Sistemas Agroflorestais Inspirados na Natureza, a publicação também traz alguns depoimentos de agricultores e agricultoras de outros municípios, comunidades e associações do Vale do Ribeira que estão implantando agroflorestas em suas propriedades, com assessoria técnica, intercâmbios e aporte de insumos oferecidos pelo projeto para abertura de novas áreas de agrofloresta.

Importante enfatizar que este material não tem a pretensão de reunir informações completas sobre SAFs no Vale do Ribeira nem tampouco todos os fatos, acontecimentos e dados referentes à história da Cooperafloresta e das diversas e diferentes pessoas que ajudaram a construí-la ou a apoiaram. A intenção é ser mais um instrumento para que as visões e as experiências aqui relatadas ajudem a inspirar e motivar outras gentes a praticar e impulsionar o movimento agroflorestal em mais regiões e territórios, espalhando junto com as agroflorestas as sementes da união, da organização e da cooperação.



VALE DO RIBEIRA E DA AGROFLORESTA

A Cooperafloresta reúne agricultores e agricultoras familiares e quilombolas que vivem e trabalham em municípios que ficam na divisa entre os estados de São Paulo e Paraná - Barra do Turvo, Adrianópolis e Bocaiuva do Sul - localizados na região do Vale do Ribeira, um território banhado pelo Rio Ribeira de Iguape e coberto pela esplên-

dorosa Mata Atlântica.

É a região com o maior trecho contínuo de Mata Atlântica do Brasil e um grande centro socioambiental e cultural, com concentração significativa de comunidades quilombolas, indígenas, caiçaras, caboclos, vivendo e trabalhando conforme seus modos de vida e conhecimentos tradicionais, em um cenário que facilita a

prática agroflorestal.

No Vale do Ribeira a biodiversidade impera: há diferentes ecossistemas, há variação de altitude e de clima, gradientes de relevo, diversidade de flora e fauna, um grande leque de frutas nativas do bioma, espécies do frio e do calor, enfim, tem um pouquinho de tudo. Um lugar com vocação para a agrofloresta.

E nesse cenário floresce a Cooperafloresta

Foi nesta porção territorial que floresceu a Cooperafloresta. Pelas mãos de gente da terra. Que trabalha, cuida e ama a terra.

Oficialmente, a criação da Cooperafloresta se deu em 2003, quando foi formalizada a Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo/SP e Adrianópolis/PR. Mas muito tempo antes, a semente da Agrofloresta começou a brotar nos corações e mentes de pessoas que acreditaram em uma proposta de trabalho diferente em agricultura, combinando em um mesmo espaço o cultivo de espécies agrícolas ou florestais em harmonia com as espécies da floresta.

Início dos trabalhos com sistemas agroflorestais no Vale do Ribeira

O movimento em torno dos sistemas agroflorestais no Vale do Ribeira se iniciou por volta de 1995-1996, quando foram realizados cursos sobre SAFs com o agricultor-experimentador Ernst Göetsch nos municípios de Barra do Turvo, Cananéia e Iguape, com implantação das primeiras áreas em Cananéia e Barra do Turvo, com apoio de projetos executados pela organização não governamental Proter e instituições

parceiras. Pouco tempo depois, além desses primeiros municípios, agricultores familiares de comunidades de Sete Barras e de Cajati também iniciaram o cultivo em SAF.

Destaque nesta fase para o trabalho dos irmãos Marçal e Clodoaldo Estevan Bernardo, do Sítio Bela Vista em Cananéia, que começaram o SAF em uma parcela demonstrativa da propriedade, logo depois ampliada e ainda hoje em plena atividade. Também naquele período,



mas em Barra do Turvo, o agricultor José Maria de Souza, do bairro Primeiro Ribeirão, iniciou um SAF demonstrativo em uma área degradada. Em Sete Barras, na comunidade do Guapiruvu, Geraldo Xavier e Gilberto Otha também fazem parte do grupo de agricultores que adotaram sistemas agroflorestais em seus sítios. Nesse período, no município de Cajati igualmente foi formado grupo agroflorestal tendo como monitor o agricultor Juvenal Pereira Moraes. No quilombo Ivaporunduva, em Eldorado, destaque para os quintais agroflorestais com muita palmeira juçara fornecendo sementes para enriquecimento de áreas.

Em Barra do Turvo, entre as razões que motivaram na época os/as agricultores/as pioneiros/as - e os/as demais que os seguiram - a implantar áreas de agroflorestas e a fazer nascer a Cooperafloresta estava a esperança de alcançar uma vida melhor e digna para suas famílias. Eles enfrentavam uma grave crise na agricultura, num município que apresentava um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado de São Paulo e que viveu vários ciclos econômicos: madeira, milho, arroz, porco, feijão, banana..., todos marcados pela dependência dos agricultores em relação aos atravessadores e por baixos preços de venda de seus produtos, entre outros problemas.

Relatos de agricultores/as da Cooperafloresta evidenciam o cenário de crise da época: "uma saca de nylon de feijão tinha mais valor do que o próprio feijão" ou "as pessoas trocavam um dia de roçado por uma lata de óleo". Além de toda essa dificuldade econômica pesava sobre os agricultores a questão da concentração da terra e da legislação ambiental, que restringiam a prática tradicional da agricultura de coivara.

Foi quando, em 1996, entrou na história o extensio-



nista da CATI Osvaldo Luis de Souza, o Osvaldinho, que trabalhava na Casa da Agricultura de Barra do Turvo. Agricultores contam que ele andava nas comunidades rurais do município com um saco de sementes nas costas convidando a turmada para fazer agrofloresta. Encantado com o trabalho de Ernst Göetsch na Bahia, Osvaldinho viu na agrofloresta a alternativa que buscava para trabalhar com agricultores familiares na região. Em Barra do Turvo ele lançou essas sementes, junto com outro técnico que iria acompanhar a Cooperafloresta por mais de 15 anos: o engenheiro agrônomo Nelson Corrêa Neto.

As sementes da Cooperafloresta começaram a crescer nos sítios das famílias pioneiras de Sezefredo Gonçalves da Cruz, José Maria e filhos de Joaquim Bento Souza. Com o tempo, outras famílias agricultoras de Barra do Turvo e Adrianópolis foram se somando à proposta, garantindo inicialmente a produção para a segurança alimentar familiar, mas logo acessando mercados para a produção excedente. Resalta-se que a abertura dos mercados (feiras, merenda escolar e outros) e a organização do grupo de agricultores/as para comercialização de forma conjunta e solidária foi um dos atrativos para a adesão de mais famílias à Cooperafloresta, uma vez que muitas já dispunham de algumas frutas e plantas em seus "quintais agroflorestais".

Relatos dos agricultores dão conta das muitas dificuldades que enfrentaram



no início da empreitada, mas também são o retrato da enorme disposição ao trabalho e da força de vontade que tiveram - e ainda têm - para continuar trilhando os caminhos da sustentabilidade. E foi nesse caminhar coletivo, passo a passo, sem "receita pronta", "aprendendo a fazer agrofloresta fazendo", "agricultor ensinando e aprendendo com agricultor", não fazendo uso de fogo e de veneno no cultivo, praticando mutirões entre grupos, participando de intercâmbios, capacitações e vivências agroflorestais, fazendo comercialização coletiva da produção agroecológica e trabalho em Rede, que as famílias foram conquistando uma renda melhor, garantindo uma alimentação diversificada e saudável em suas casas e nas mesas dos consumidores, protegendo a biodiversidade e fortalecendo sua organização local.

Com essa organização das famílias agricultoras, o trabalho de muitos técnicos e voluntários e a parceria de diferentes órgãos e instituições, a Cooperafloresta conquistou



ao longo do tempo diversos projetos e apoios que a ajudaram a se formalizar e se estruturar como uma Associação/Cooperativa. Hoje são 80 famílias associadas, organizadas em 22 grupos que se reúnem em mutirão para os trabalhos nas agroflorestas e elegem representantes para o Conselho que, junto com uma Diretoria eleita por todos os associados, administra a Cooperafloresta.

A trajetória relatada a seguir por meio de depoimentos de agricultores/as mostra que projetos e parcerias contribuíram muito com o fortalecimento da Cooperafloresta e de seu reconhecimento como referência nacional em SAFs, mas evidencia, sobretudo, a solidez do trabalho dos/as agricultores/as que produzem em seus sítios e entregam sua produção biodiversa para a cooperativa comercializar conjunta e solidariamente em Rede, fortalecendo-a no mercado e no movimento agroecológico, em conjunto a milhares de famílias que formam a Rede Ecovida de Agroecologia.





Sezefredo Gonçalves da Cruz

Agrofloresta é uma roça inteligente, multiplicadora

Por que aceitei fazer agrofloresta?

Tava vendendo o sítio pra ir embora, mas não sabia pra onde! Tinha uma placa de vende-se no sítio. Mexia com planta de milho, arroz, feijão, banana. Tinha 9 mil pés de banana que dava desgosto. A terra se acabando de tanto que a gente carpia. Usava furadan pra matar broca. Banana era muito ruim de preço: entregava 500 caixas de banana e tinha que vender 20 caixas de 22 kg pra pagar o dia do camarada. A gente trabalhava pra gente, por conta própria, mas tava pior do que ser um empregado de um patrão bem ruim. Eu só pensava em ganhar dinheiro, mas com isso eu tava trabalhando mais, só me prejudicando, com desgaste físico, e não ganhava nada porque a gente não sabia vender, o atravessador levava o lucro da gente. E a terra pagando pelo crime que a gente vinha fazendo. Tava triste, porque quando a pessoa quer colocar a mudança no caminhão pra ir embora, sem saber pra onde, isso dói. Ainda mais a gente, que é uma liderança aqui no bairro, via aquela placa de vende-se, era uma tristeza.

O convite do Osvaldinho

Daí apareceu Osvaldinho com essa ideia da agrofloresta. Veio trazido pelo Henrique

do Sindicato, falando em agrofloresta. Fiquei até com medo, o nome me assustou, aí perguntei: o que é isso? E ele começou a explicar as coisas, como era a mistura de plantas...E eu vendo o bananal que tava caindo, as bananeiras, de tanto que eu carpia. Eu falei: não custa experimentar pra ver se isso vai dar certo. E aí eu aceitei o plano de fazer agrofloresta.

O começo do trabalho

A minha primeira área foi num bananal, comecei a fazer mistura de planta, num lugar que já tava bem claro, com bananeira morrendo...Semearam feijão branco no meio do capinzal e plantaram muita muda e sementes de variedades. Daí uns 45 dias começamos a colher coisas desse lugar, as mudas de hortaliças, tomate, pepino,

rabanete, aquela mistureira, aquela salada mesmo! Os milhos foram ficando grande, as mudas de banana d'água... Eu nem esperava que podia produzir sem adubo sem nada. Então era uma coisa boa né.

Estágio no Ernst

Em 97 ficamos 19 dias na fazenda do Ernst trabalhando lá, fazendo estágio. Ele falava: se o capim tá aí é porque ele tá ocupando espaço de outra planta. "Não existe terra ruim, existe homem ruim que não entende". Se a gente fizer o trabalho que tem de fazer numa terra bem cansada, a gente faz ela voltar a produzir igual quando era mata virgem. Traz todas as vidas que precisa pra ela, porque são os organismos que trabalham. Aí ele explicou que o jeito que a gente

trabalhava a terra era do jeito errado, fui percebendo isso também. E me falou: olha aí Sezefredo, você é um doutor. Eu disse: como `doutor` se nem sei o que é esse tal de adubo verde. Aí fui vendo o tanto que a gente trabalhava errado com a terra e, às vezes, ainda pondo a culpa em Deus.

Indo para a feira, de carona

O Osvaldinho criou uma feira na cidade, que funciona até hoje, e pra nós foi um prato cheio: agora a gente ia pegar o peixe e nós mesmo vender, não dar pros outros por qualquer preço e ficar no prejuízo. A gente também começou fazer feira em Curitiba, pegando carona com o Mauro Carriel que ia fazer compra em Curitiba pro mercado dele e a gente aproveitava pra ir junto. Depois a gente voltava de ônibus, carregando as caixas dobradas. Dava para carregar 20 caixas num feixe e amarrava com uma corda. Era muita dificuldade, bastante mesmo no começo. O prefeito não queria ajudar na época, ainda perseguia, a gente ficava naquela agonia. Às vezes dava vontade de chorar.

Os técnicos da Coopera

Tivemos dificuldade, no começo não foi fácil, mas foi uns doidos que vieram mandados por Deus pra ajudar a dar certo. Tivemos



vários projetos também que ajudaram, feitos pelo Nelson e a Lucilene, se não fossem eles, não sei se isso não ia se acabar logo. Os projetos acompanhando as famílias foi o que fez funcionar, porque a gente não sabia nem como começar. Esses técnicos eram uma gente de bom coração, é o tipo de pessoa que deixa muita saudade...Eles vieram pra dar certo.

Variedades de plantas

Esse negócio tem um valor sem tamanho. Não tem como ser contra a agrofloresta. Quantas variedades de plantas a gente vê nessa área? Já tem jicara por tudo aqui no meu terreno. Uma parte foi plantada outra foi a natureza mesmo que plantou semente. Tem matriz de árvore que a semente não fui eu que trouxe...Será que foi um morcego, sabiá, maritaca, cachorro do mato, uma cotia, um serelepe? Se a gente souber conviver com a natureza nós temos tudo. Deus fez a natureza bem feita, nós é que desequilibramos tudo.

Lugar ideal

Barra do Turvo é o lugar certo pra começar a agrofloresta. Porque nossa terra é chão dependurado, e é no lugar de morro onde tem mais terra, é difícil de trabalhar, mas é o lugar que tem mais terreno pra plantar. Quando você deixa a floresta, a água da chuva não desanda levando nossa mãe terra para o lugar errado, pro rio.

Vivendo tranquilo

A agrofloresta é um lugar pra viver tranquilo, é uma roça que faz hoje e tem amanhã, deixando pra família e a nova geração, até para o planeta. Tem bastante gente que pensa em dinheiro e



não pensa no valor da vida e nossa vida tá na floresta, tá na terra bem protegida, tá numa água boa, no ar bom que a gente respira. A vida tá na mata.

Felicidade para dividir

Hoje cada pessoa que vem aqui no meu sítio é uma felicidade, meu coração agradece. Hoje tenho felicidade pra dividir com as pessoas. Não tenho dinheiro, mas me sinto rico porque sou feliz. Ando de cabeça erguida, tenho haver de ser um cidadão pra falar o que eu quero, o que eu sinto, meu compromisso é com a sociedade, com Deus, minha família e com a comunidade.

Doutor do Mato

Não tenho leitura, mas sou doutor do mato. Se andar no mato é muito pouco as plantas que não dou o nome. 95% dou nome de tudo. Então tenho conhecimento, tenho sabedoria. Eu nem me valorizava antes disso, depois que fui ver o quanto a gente é bom e nem percebe, a gente conhece bastante coisa e nem dá valor. Com esse trabalho de agrofloresta aprendi muita coisa. Mas com a natureza nós temos muita

coisa ainda pra aprender, eu ainda não aprendi nem a metade nesses 23 anos de agrofloresta. Mas só que tem muita pessoa estudada que não sabe nem o que é uma embaubeira. Dá até dó né!

Plantando vida

O cara tava plantando pinhão e o outro falou: você tá plantando, mas demora muito. Ele respondeu: eu sei que demora. Mas você já comeu pinhão? O outro respondeu: sim, várias vezes. Mas foi você que plantou? Aí é que tá: comer o que os outros plantam é bom né. Colher é muito fácil, plantar é que é o problema. Eu tenho paineira aqui com 23 anos de idade, se eu não tivesse plantado, ela não tava aqui, fazendo a alegria da gente e da passarinhada toda. Quando a gente planta uma árvore é uma vida que você tá plantando. É um ponto de lazer também para muito tipo de vida, pros passarinhos que ficam ali,

comendo, até namorando. A natureza trabalha dia e noite sem parar, tem um poder muito grande.

Cuidando da terra

O planeta, a mãe Terra, a floresta tem uma vida fantástica, é só a gente prestar atenção. Somos um punhadico só. Quantas vidas mais têm na face da Terra? Só debaixo de nós tem umas 80 vidas ou mais, é só cavucar que acha vida. É a tal diversidade. Deus deixou isso aqui cheio de vida. E nós somos um punhadico só e nos achamos dono. Não somos donos de nada. A gente tá ocupando o que Deus deixou pra nós.

Deus

Tudo que for fazer tem de colocar Deus na frente. Vejo Deus em tudo, no grão do feijão, do milho, na água que corre, em qualquer tipo de semente, nas árvores.

Agrofloresta é...

Agrofloresta é uma roça inteligente, sempre tem o que colher e a gente não prejudica a nossa mãe terra, porque trabalha sem fogo e sem veneno. E com ela a gente aprende bastante. Agrofloresta é multiplicadora, a natureza está só trabalhando, a gente tá dormindo, passeando, e ela tá fazendo o papel dela. É só a gente acompanhar e fazer nossa parte. Nós aqui damos exemplo com a agrofloresta, porque a gente cuida da mãe Terra e produz, a gente tem pra nós, pra nossas famílias e pra todos.

Sezefredo Gonçalves da Cruz tem 77 anos, é pai de sete filhos e casado com Ana Rosa, 70 anos. Moram no Sítio Ana Rosa, bairro Salto Grande, em Barra do Turvo, na propriedade que tem 39ha, dos quais 20ha são cobertos por agrofloresta. Seu Sezefredo, ou Zefredo, como também é chamado, é uma das principais lideranças comunitárias do município e da Cooperafloresta. Faz questão de demonstrar sempre sua felicidade em poder compartilhar suas experiências e aprendizados com os inúmeros visitantes que a família frequentemente recebe no sítio.



José Pereira

A agrofloresta recuperou a água em meu sítio

Antes era só braquiária

Vim do Centro Oeste do Paraná, onde plantava milho, feijão e arroz. Perdia o feijão com a chuva, com a seca perdia o arroz... Não via dinheiro, era muito difícil. Depois na cidade, tocava obras, fui patrão e também empregado, tinha muita preocupação e falava: eu quero ir pro mato. Já conhecia a região de Barra do Turvo quando, 15 anos atrás, por um acaso, comprei esse sítio. Quando comecei aqui não tinha nada, era um capinzal, só braquiária, uma pastagem num barraco, com um pé de mamão apenas.

E agrofloresta dá dinheiro?

Minha intenção era plantar milho, feijão e arroz, como eu fazia antes, pra garantir a criação dos filhos. Perdi muito tempo sem fazer agrofloresta aqui, demorei pra aceitar. Mas tinha um técnico na época, o Nelson, e os vizinhos também falavam que tinha um grupo aqui que trabalhava com agrofloresta, a Cooperafloresta. Naquele tempo eu não sabia o que era agrofloresta. O pessoal falava: tem um grupo ai que trabalha e vende junto. Eu perguntei: e dá dinheiro? Eles diziam: se mandar bastante produto pra vender, dá. Pensei: vou arriscar.

Não queria banana

No início não aceitava plantar do jeito que era a agrofloresta, não aceitava. Achava que uma planta atrapalhava a outra, uma ia acabar matando a outra. Comecei teimando, resistindo, queria só plantar milho, feijão e arroz. O Nelson insistia pra eu plantar banana junto, mas eu queria criar os filhos. Teimei, plantei só feijão. Teve uma época que colhi o feijão, cobri com lona, veio a chuva,

e quando fui tirar a lona, era só fumaça o feijão!

Plantou banana

O que me ajudou foram as bananas que comecei a plantar. Quando saiu aqueles cachos bonitos de banana, vendi as bananas e veio o pagamento: R\$ 80,00. Comemoramos aquilo, ficamos empolgados, vamos plantar banana! Vi que a banana, quem sabe, ia dar certo. Mas só que tinha resistência em plantar árvores, plantar fruteira. O Nelson falava: depois você corta as fruteiras. E eu: mas só louco que vai plantar fruteira pra depois cortar! Depois dos R\$ 80,00 foi animando a gente, plantando mais alguma coisa, mas sempre resistente. Depois fui vendo que a banana dava certo e acreditando na agrofloresta...É duro de por na cabeça de quem veio plantando só na monocultura, falar de plantar outra coisa junto com a banana.

Plantou de tudo

A gente plantou de tudo. Desde que começamos com a agrofloresta não caiu a produção. Hoje dá menos trabalho porque não precisa tá limpando a área, o mato não vem, vai facilitando mais. Hoje a gente colhe banana, pupunha, laranja, poncã, mexerica, abacate, um monte de fruta, o açafraão tá vindo... também não deixa de colher o feijão.

Plantou água

Praticamente não tinha água na área quando comprei o sítio. Pra beber, tinha que ir longe buscar. Depois que comecei a fazer agrofloresta, o simples fato de não queimar, já melhorou. Com o tempo, cerca de dois anos depois, começou



a vir uns capins e aí pensei: onde dá esse capim vem água. Comecei a mexer com a enxada, tirei umas pedras, uma a uma, e foi muito lindo o que vi acontecer: estourou uma água, tão limpinha! Era a primeira nascente que vi brotar no sítio. Hoje a gente tem orgulho das três fontes de água que nossa área preserva. A agrofloresta recuperou a água. Sou testemunha que a agrofloresta recuperou a água em meu sítio. Agora pode dar a seca que for, que não fico sem água, tem até demais. Porque a floresta protege o solo. As árvores, com as raízes, afrouxam a terra, ajudam a segurar a umidade no solo e, ao longo dos anos, a água vai brotando em forma de nascente.

Atravessando dificuldades

No começo não foi fácil. A gente tinha de atravessar pelo rio, segurando por um cabo, porque não tinha ponte. Depois levava as caixas dos produtos pela passarela, nos ombros, porque não tinha ainda os cabos pra transportar. Era uma aventura. Antes da ponte, se não quisesse passar pelo rio a gente usava um caminho beirando o rio que vinha do

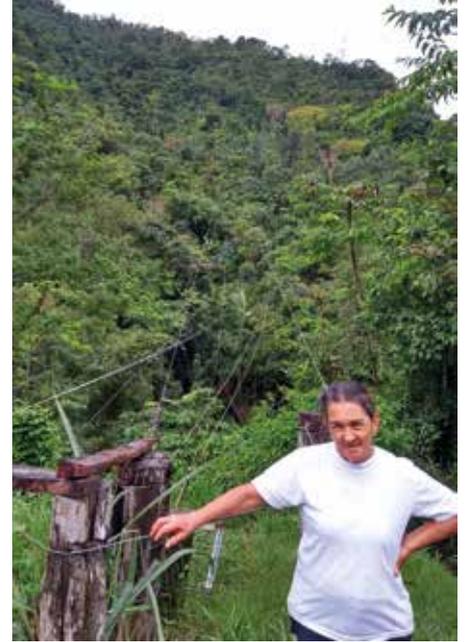
vizinho. Seis anos depois que a gente morava aqui que saiu a passarela. Veio uma enchente, desmoronou parte da área, a casa foi condenada pela Defesa Civil. A gente esmoreceu. Mas começamos de novo. Depois veio o meu problema de saúde, uma cirurgia no coração, o câncer, o problema na coluna...Mas a gente continuou, devagarzinho, e graças a Deus a gente está de pé.

Amor pelo lugar

Quando a Joana conheceu o sítio não gostou muito do lugar, por causa do difícil acesso. Mas depois foi trabalhando, trabalhando, foi ficando, ficando... Hoje, podem chegar aqui com o dinheiro que for pra tirar essa mulher daqui, ela não sai. Se apegou tanto, porque a gente se sente bem aqui. Temos tanto amor por isso aqui, que não tem outra coisa na vida que deu mais satisfação pra gente. Isso foi a melhor coisa que fizemos na vida. Falo sempre que quando um casal estiver pra se separar é só fazer agrofloresta que a situação muda! Começa a plantar uma plantinha aqui, uma plantinha ali, olha que bonitinho, aí a filharada



“Agrofloresta pra mim é tudo. Estando aqui, não falta nada, sou muito entusiasmada. Acredito na agrofloresta porque é tanta paz nesse trabalho. Sempre que fico trabalhando na terra fico pensando: decerto Deus fica muito contente com nosso trabalho, porque nós não destruímos nada, só construímos! Nós só construímos mesmo. Se a gente poda uma árvore, é só pra terra crescer. Vivo tranquila aqui, vou na roça todo dia, é trabalho o dia todo. Hoje tá mais fácil do que era antes, a gente trabalha mais tranquila. O que a gente produz sustenta a gente, sustentou os filhos pequenos que vieram e cresceram aqui, tudo com esse trabalho. No começo não tinha um pé de árvore, tinha só um pezão de mamão bem velho, era a única coisa que tinha. Mas hoje tá bem diferente, tem de tudo aqui. Hoje tá uma maravilha!”. Joana de Freitas, 60 anos



começa a ajudar...e tudo se resolve! É uma benção muito grande poder morar nesse paraíso.

Deus

Como pode se falar de agrofloresta se não envolver Deus? Deus fez primeiro e deixou pra nós dar continuidade, conservar a natureza. Eu não sabia que árvore era vida. Os bichinhos que estão junto

com as árvores precisam dela para sobreviver. São uma criação de Deus. Vocês estão ouvindo o pássaro cantar? Aqui se tem paz, se tem amor, se vive. Pra nós é um orgulho e satisfação viver aqui.

Felicidade

É uma felicidade muito grande receber as pessoas no nosso sítio pra conhecer a agrofloresta. A gente já

recebeu tanta gente, nossos irmãos indígenas, os sem-terra...gente que veio ver a gente, chegaram a chorar, a gente chorava junto porque eles passam as mesmas dificuldades que a gente já passou...Que bom que a agrofloresta aconteceu comigo e com minha família. Valeu a pena. A Cooperafloresta é boa, mas não só pra nós, é bom que as pessoas vêm e levam essa nossa conversa, conheçam isso aqui e que a agrofloresta aconteça pra mais gente.

Agrofloresta é...

A agrofloresta é o mais perfeito sistema pra proteger o meio ambiente. Pode ter outras formas, mas a agrofloresta é o melhor, porque imita a natureza, que é a mãe que nos cria, nos dá o alimento e tudo que precisamos. Quando vem os visitantes aqui no sítio, tento passar pra cada pessoa meu entusiasmo pela agrofloresta. Tento mostrar que mexer com a terra é uma terapia, deixa a gente feliz. Fazer agrofloresta é um trabalho abençoado.



■ José Pereira de Freitas, 60 anos, e Joana de Freitas, 60 anos, são naturais do Paraná e moram há 16 anos no sítio Nossa Senhora Aparecida, bairro Ribeirão Grande, em Barra do Turvo. Têm cinco filhos, três criados no sítio agroflorestal de 15ha. O casal recebe muitos visitantes nos intercâmbios e vivências agroflorestais promovidos pela Cooperafloresta, nos quais oferecem refeições deliciosas tendo como base produtos agroflorestais do sítio e feitas no fogão à lenha por dona Joana.

Gilmar de Souza

Fazer uma área de pasto virar agrofloresta é transformador

Muvuca de sementes

Comecei a mexer com agrofloresta em 98. A CATI promoveu um curso de derivados de leite na Casa da Agricultura, e minha esposa Jorlene participou do curso junto com minha mãe e lá a Jorlene conheceu o Osvaldinho. E aí ela veio contando que ele tinha falado muito de agrofloresta, como era o sistema e que tinha um grupo que tava plantando no município nesse sistema. Na semana seguinte fui lá conversar com o Osvaldinho na Casa da Agricultura, e ele já deu uma porção de semente, que ele chamava de muvuca de sementes. Falou que era para eu plantar assim, assim e tal. Aí eu vim pro sítio e comecei a plantar as primeiras

sementes num mandioccal e assim comecei

çou... Plantamos perto de casa, deixando os pastos, continuei com o gado por um tempo, todo ano a gente roçava. Depois parei de roçar os pastos, as capoeiras foram crescendo mais rápido, o gado comia o capim e eu não cortava mais as árvores. Consegui formar capoeira e a partir daí fui entrando nas capoeiras e formando mais agroflorestas.

Fazer diferente

Sou nascido e criado aqui, mas tive um tempo fora. Quando voltei pro sítio queria fazer algo diferente. Toda vida morando aqui, sem energia. Antes era só lampião, vela, depois tinha o liquinho a gás...A primeira roda d'água eu construí pra mover moenda de cana. Instalei e a gente moía a cana, fazia rapadura, açúcar mascavo. Depois compramos uma de



ferro, coloquei um alternador de carro na roda d'água, que carregava a bateria e gerava energia pras lâmpadas e também pra funcionar um radinho de pilha. Depois a gente conseguiu comprar um gerador que gerava energia (110 e 220), e foi nessa época (1999/2000) que comecei a fazer a parte de contabilidade das feiras aqui em casa, no sítio, fazendo funcionar o computador por vários anos com a energia da roda d'água.

Contabilidade das feiras

Boa parte desse tempo todo de agrofloresta eu estive envolvido na organização da Coopera, na tesouraria, e isso tirou bastante meu tempo de trabalho na propriedade. No início a Coopera não tinha escritório na cidade, a contabilidade das feiras eu fazia em casa. Eu fazia os lançamentos das feiras no computador que rodava com a energia gerada pela roda d'água. Quando chegava segunda feira a gente fazia os pagamentos

dos agricultores na Casa da Agricultura. Com o passar do tempo o grupo foi crescendo, se organizando, foi fundada a associação e aí com apoio dos projetos conseguiram recursos, montaram um escritório na cidade, daí mais gente veio ajudar a trabalhar também, mas no início a gente trabalhava como voluntário. Como muitos técnicos também, a exemplo do Artur, que veio pra cá e foi ficando e trabalhando durante um bom tempo como voluntário.

Floresta formada

Como em 2004 eu já tinha capoeira bem formada, comecei a aumentar as áreas de agrofloresta. Tinha muita banana plantada no início, a renda vinha mais da banana. Hoje com 15 anos já tem uma floresta formada, as bananas já se foram, agora é mais fruteira, palmito, deixei muita juçara na área, com intenção de colher os frutos pra processamento, muita pupunha, mais de cem pupunheiras adultas produzindo cachos, pra colher os frutos também.





Na agroindústria

De uns quatro anos pra cá tenho trabalhado bem pouco na propriedade, mais dedicado a coordenar a agroindústria. Mas quero retomar os trabalhos na propriedade, pra manejar a área, implantar novas áreas também. Hoje o produto que tem maior volume na Coopera é a banana, mas no sítio não pretendo apostar muito em banana, a ideia é buscar outras culturas, tipo o açafreão, a juçara pra tirar renda do fruto, a pupunha também, com o fruto. Estamos apostando na farinha de pupunha, que precisa ainda ser mais divulgada. A polpa do cajimirim também tem saído bem, aqui na minha área tem uns 50 pés adultos já. Tem

maior procura pelo produto. Acredito que um produto vai ajudar o outro também.

Agrofloresta é...

É uma grande transformação: transformar uma área de pasto, como era aqui no meu sítio, em uma floresta formada, é bonito de ver. Me sinto realizado e feliz porque gosto do que faço. Meu sonho e minha vontade é manejar mais as áreas, ficar mais no sítio. Mas agora estou mais envolvido com a agroindústria da Coopera, que também é um trabalho de muitos desafios. A parte da comercialização em si ainda é um desafio para a Cooperafloresta. E estamos sempre avaliando o melhor caminho a seguir.



Gilmar Batista de Souza, 51 anos, é casado com **Jorlene Boaventura da Rosa**, e moram no Sítio Três Canais, no bairro do mesmo nome, localizado no município de Adrianópolis (PR). A área total da propriedade é de 45ha, dos quais 6,05ha são formados por agrofloresta. Atual presidente da Cooperafloresta, Gilmar sempre atuou na parte administrativo-financeira da cooperativa, se destacando também como um grande experimentador na prática agroflorestal e no processamento de produtos da agrofloresta.



PANORAMA ATUAL DA COOPERAFLORESTA

- 80 famílias associadas.
- 70% das famílias são quilombolas, as demais agricultores/as familiares.
- Áreas de agroflorestas manejadas por família, em média: 1,5 alqueires, com grande diversidade de espécies de plantas.
- Área total de agrofloresta: 240 ha implantados, sem uso de fogo, veneno e de sementes transgênicas.
- 114 alimentos diferentes são produzidos nas propriedades.
- 22 grupos de agricultores/as em 15 bairros se reúnem em mutirões para trabalhar coletivamente e manejar suas agro-

florestas. Nos mutirões as famílias se ajudam nos serviços necessários para implantação e/ou manejo das agroflorestas, como plantio, roçada, capina, poda... e também trocam aprendizados e experiências. Há grupos que fazem mutirões semanais, outros quinzenais, dependendo dos serviços que precisam ser feitos em cada área e da dinâmica estabelecida pelos grupos para a prática agroflorestal.

- 15 bairros/comunidades estão envolvidos na Cooperafloresta em 3 municípios e dois Estados: Areia Branca (Bocaiúva do Sul), Estreito-nho, Três Canais e Córrego do Franco (Adrianópolis), e Indaiatuba, Aroeira, Córrego do Barro, Anhemas, Reginal-

do, Salto Grande, Córrego do Bugio, Terra Seca, Ribeirão Grande, Cedro e São Pedrinho (Barra do Turvo).

- A Cooperafloresta é administrada por uma diretoria eleita por todos os associados em Assembleia Geral, e conta com o Conselho de Representantes, formado por representantes dos grupos de bairros.
- 22 pessoas trabalham atualmente na Cooperafloresta (equipe administrativa, de campo, de comercialização e na agroindústria).
- 05 grupos de certificação atuam na Cooperafloresta. A certificação de toda produção agroecológica é obtida

através do Sistema Participativo de Garantia da Rede Ecológica de Agroecologia.

- Principais produtos comercializados in natura: frutas, hortaliças, leguminosas, tubérculos, raízes, cereais, palmito pupunha, entre outros.
- Produtos processados na agroindústria Frutos da Vida: banana-passa, doces de goiaba, laranja e de banana, polpas de juçara e frutas diversas, farinhas de banana verde, de inhame e de pupunha, produtos desidratados como o açafraão da terra e o gengibre em pó. No circuito da Rede Ecológica é comercializada mais uma linha com cerca de 20 produtos agroecológicos, entre arroz,





feijão, açúcar mascavo, mel, doces, sucos e farinhas.

- Principais canais de comercialização: cinco feiras em Curitiba, duas vezes por semana (Passeio Público, Jardim Botânico, Alto da Glória, Praça dos Expedicionários e Prefeitura), lojas especializadas, pequenos varejistas e outros feirantes, vendas por telefone, site e por e-mail com entrega via postal, mercados institucionais (PAA e PNAE) e o circuito de comercialização da Rede Ecovida de Agroecologia. A Rede é composta por mais de 4 mil famílias agroecológicas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

- Na logística de comer-

cialização, o caminhão da cooperativa passa duas vezes por semana recolhendo as caixas dos produtos agroflorestais que cada família agricultora deixa na beira das estradas; e no local mesmo a equipe de comercialização pesa, faz uma classificação prévia e anota o peso dos produtos em uma ficha de controle - uma via fica com o agricultor e outra vai para a agroindústria-sede da cooperativa. No local, o pessoal administrativo lança no sistema a produção de cada agricultor/a e a equipe operacional faz a separação e higienização dos produtos para que depois a produção possa ser encaminhada para a comercialização nas feiras e outros mercados ou ser

processada na agroindústria.

- Em intercâmbios agroflorestais, a Cooperafloresta recebe cerca de 400 pessoas por ano, entre agricultores/as, técnicos, pesquisadores, gestores públicos e estudantes vindos de municípios do Vale do Ribeira e outras regiões, estados e até países, interessados em conhecer a experiência e trocar conhecimento sobre SAF, formas de organização, certificação e comercialização de produtos agroecológicos. Estes momentos fazem parte da história da Cooperafloresta, têm sido cada vez mais intensificados e ajudam a inspirar e motivar outros grupos e comunidades a praticarem a agrofloresta em suas localidades.





Agroflorestar no Vale do Ribeira



Ao longo de sua trajetória, a Cooperafloresta executou e vem realizando diversos projetos que apoiaram e apoiam o desenvolvimento de sistemas agroflorestais e a capacitação de famílias agricultoras em municípios de diferentes regiões. Nesta fase atual, o foco do trabalho da Cooperafloresta tem sido o Vale do Ribeira, com as famílias agricultoras associadas e outros grupos, associações e comunidades tradicionais de diversos municípios da região.

governamentais, alcançando diretamente mais de 300 famílias agricultoras tradicionais, quilombolas e indígenas e mais de quatro mil pessoas em atividades não frequentes, como estudantes, professoras/es e público em geral.

Entre as parcerias e apoios estão a CATI-CDRS (Secretaria de Agricultura do estado de São Paulo), IAF, Unesp Registro, Fundação Florestal, Instituto Florestal, Secretaria do Meio Ambiente, Associação Paulista de Extensão Rural (Apaer), Senar, Senac, Embrapa, APTA-Vale do Ribeira, Prefeitura de Barra do Turvo, Associação dos Moradores do Bairro Ribeirão de Iporanga (Abrisa), Associação Nipo-Brasileira do Bairro Raposa de Sete Barras, Associação

São as ações do Projeto "Agroflorestar: Vale do Ribeira", patrocinado pela Petrobras, que estão levando a ideia da agrofloresta para mais de 15 municípios, com apoio de mais de 30 parceiros, entre organizações governamentais e não





Itimirim e Estação Itimirim de Iguape, Associação do Quilombo Peropava de Registro, (Afrovale), Associação Capoava do Momuna e Pinheirinho de Iguape, Coopjuqui de Juquitiba, ABAM de Miracatu, Coobam, Cooper, Coopafasb e Cooperagua de Sete Barras, Cooperquival, Associações de Quilombos de Barra do Turvo e Eldorado, e as Aldeias Guarani Mbya Jejty e Itapuã (Iguape), Pindoty (Pariquera-Açu), Takuarity

(Cananéia), Takuari (Eldorado) e Guyrapepó (Tapiraí).

Com a metodologia “campesino-campesino” - de agricultor/a para agricultor/a - baseada no princípio de que todos aprendem e todos ensinam em sistema de “pichirão” ou mutirão, o projeto vem fomentando a produção agroflorestal, com implantação e manejo de sistemas agroflorestais já instalados, a pesquisa em SAFs implantados, a realização de

cursos, oficinas, intercâmbios e atividades de educação ambiental, entre outras ações.

Há muitos grupos de agricultores/as familiares, quilombolas e indígenas envolvidos nestas atividades, com uma expressiva participação das mulheres em todo o processo. O projeto incentiva que as ações sejam feitas em mutirão, como forma de resgatar a cultura tradicional das famílias do meio rural da região, além de impulsionar o

trabalho de abertura e manejo das novas áreas de agrofloresta. Nos mutirões, as mulheres têm sido o grande destaque. É assim que tem funcionado nos bairros Ribeirão, em Iporanga, no Itimirim, em Iguape, e no Peropava, em Registro.

Nos depoimentos a seguir, um pouco do que tem sido realizado pelo Projeto “Agroflorestar: Vale do Ribeira” e a impressão dos protagonistas desse trabalho em diferentes comunidades da região.



“Sou monitor ambiental há 10 anos e plantava no sistema de coivara. Agora surgiu a ideia da agrofloresta, comecei a plantar também, as mesmas plantas que outras pessoas da associação. Colhemos só pro consumo da família mandioca, alface, muitas outras hortaliças. Eu e minha irmã trabalhamos na área e meu sócio pra ajudar, fazemos mutirão entre os grupos da Abrisa. Acho muito legal o sistema, é uma ideia que faz a gente só crescer. Pra nós é um sistema muito interessante por estar em uma região turística”.

Antônio Carlos Vanézio - bairro Ribeirão (Abrisa) - Iporanga/SP

“Como já tinha muito pé de fruta, meu quintal já tinha um estilo de agrofloresta, mas não era de plantar tudo junto. Com o convite da Edna da Abrisa, aceitei fazer agrofloresta, porque só tinha o pomar. Passei a gostar do jeito de plantar, achei mais prático, dá pra plantar um monte de coisa junto, planta as árvores também, não precisa queimar, não precisa colocar agrotóxico porque as próprias plantas já fazem o esterco que a terra precisa. Estou fazendo um pedacinho de área só, mas já vi resultado em tão pouco tempo. Já colhi mandioca, açafrão, gengibre, verduras diversas, cebolinha, e salsinha então, tem até agora. Gostei muito do sistema, achei bem melhor do que como a gente fazia antes”.

Cristina Rocha - bairro Ribeirão (Abrisa) - Iporanga/SP

O sistema agroflorestal é mágico



Demanda por orgânicos

A ideia inicial de trabalhar com agrofloresta vem desde 2014, quando meu irmão Silnei ouviu falar em agrofloresta. Achamos o sistema bem legal pelo simples fato de ser um aliado da natureza. A gente também foi sentindo uma maior necessidade de produzir alimentos orgânicos por conta da demanda dos turistas, a maioria vegetariana ou vegana, querendo alimentos diferenciados. Mas o projeto acabou não dando certo naquela ocasião. Em 2017, conversando com o pessoal da CATI de Registro, eles falaram da Cooperafloresta. Em 2018 começamos pra valer, com palestras sobre agrofloresta através da nossa associação (Abrisa) conseguimos a parceria com a Cooperafloresta e a CATI para iniciar as roças. Hoje somos oito famílias da associação no projeto: Cidinéia Moreira, Erika Lopes dos Santos, João Santana e Arminda, Aline Moreira e André Luiz Furquim, Cristina Rocha e Érico, Antônio Carlos Vanézio, Pedro Jesus e Jéssica, e a família de Arabelo e Andreлина Florindo.

Causando impacto

A área da minha família só tinha braquiária, não utili-

zava pra nada e não produzia nada. Meu pai falava que a gente tava perdendo tempo insistindo em trabalhar naquela área. Mas eu e meus irmãos Silnei e Ivani insistimos porque a gente queira causar impacto no meu pai Arabelo e na minha mãe Andreлина. Dois ou três meses depois do plantio vieram as hortaliças, no início deste ano começamos com as raízes, depois vieram quiabo, jiló, também plantamos cana, feijão, milho, arroz, amendoim, batata, cará e as frutas, que ainda estão pequenas.

Encantados com a roça

Logo depois meu pai mudou de ideia sobre a área. Ele vai todos os dias olhar a área, ver o que tá crescendo. No começo ele não acreditou, mas como foi vendo o desenvolvimento do cultivo, ele vive agora procurando ver se acha alguma muda diferente ou semente pra colocar na área também. Ele tá encantado com o arroz, com a cana que plantou, com a mandioca que cozinha super bem. Tanto ele quanto minha mãe estão adorando.

Abrindo mais área

Este ano plantamos mais uma área, temos duas agora. São pequenas, mas já tiramos alimentos pra

fornecer pros turistas nos feriados, pra vender também. Já levamos grupos de turistas pra conhecer as áreas do vizinho, que também é do mesmo sistema. Os visitantes acharam muito interessante a agrofloresta, principalmente por preservar a natureza.

Magia e carinho

Esse sistema agroflorestal é mágico. Você pega uma área degradada que as pessoas falavam que não dava nada e, de repente, se produz ali uma quantidade imensa de alimentos, sem agredir o ambiente, usando só o que a própria natureza oferece pra estercar, pra enriquecer o solo, fazer crescer a terra e as plantas, é simplesmente algo mágico. É magia e é carinho também pelas plantas, porque a gente começa a tratar com carinho a terra e as plantas e a terra devolve pra gente em forma de alimentos.

Edna Florindo da Silva - bairro Ribeirão (Abrisa) - Iporanga/SP





Agrofloresta traz saúde e bem-estar

Monocultura de chuchu

Antes era só chuchu que a gente plantava, sempre trabalhei com a monocultura do chuchu. Quando apareceu a ideia de fazer a agrofloresta através da técnica Claudiana, fui pra Barra do Turvo no intercâmbio da Cooperafloresta, conheci as áreas e os agricultores de lá, voltei pra casa e falei: a gente não planta mais chuchu!

Agrotóxico não

Eu já tinha ideia de diminuir de trabalhar com agrotóxico, trabalhava há 40 anos com isso, só com agrotóxico. Parentes da gente morreram e o médico disse que tinha relação com agrotóxico. Diante dessa situação, quando a

gente conheceu o projeto, não pensou duas vezes.

Vendas na feira

Primeiro plantamos as verduras e legumes, árvores e as frutas. Dois meses depois já estava colhendo verduras e levando pra feira. A primeira venda foi de R\$ 90,00! Fiquei toda feliz, pensei: o caminho é esse! Aí não parei mesmo, plantei mais, as formigas cortaram, mas eu não desisti.

Sete áreas no bairro

Eu e meu marido trabalhamos na área. Mas a gente faz mutirão constante no bairro. São sete áreas no bairro, sendo que a primeira implantada foi a minha, e a

gente tá fazendo rodízio nas áreas, portanto logo volta o mutirão pra minha área. Mas nesse período a gente continua trabalhando.

Amando o sistema

Minha família está amando o sistema, incluindo minhas três filhas, porque viram que mudou totalmente a nossa vida. Sou apaixonada pela floresta, isso mudou tudo na minha vida. A agrofloresta traz isso pra gente: saúde e bem-estar. O tempo todo que tenho gosto de ficar na área, mexendo com as plantas, isso me faz muito bem.

Roseli Motta - bairro Itimirim - Associação Itimirim - Iguape/SP



Sistema é importante para alimentar a comunidade



“É bom porque a gente aproveita mais a terra com esse sistema de plantar alimento junto com árvore. Porque a gente precisa do alimento e se não plantar, não tem nada. Achei importante aprender com eles como fazem

o sistema deles de plantio. Não tiramos nada ainda, porque o primeiro plantio a formiga cortou tudo. Plantamos mais. Não vamos desistir do sistema, porque é importante pra comunidade, pra alimentar as oito famílias, pra não faltar comida

pra ninguém. Vai aumentar mais famílias na comunidade, aí tem de trabalhar mais pra alimentar. A gente planta banana, mandioca, cana, batata-doce, planta pouquinho, mas a gente vai plantar mais ainda. Interessante esse jeito

de plantar tudo junto. Espero que tenha mais mutirão, da gente trabalhar junto. A gente quer que dá certo”.

Agostinha Pereira,
cacique da aldeia Guarani
Mbya Jejity - Iguape/SP

“Tem duas áreas na comunidade, uma de implante de variado, e a outra agora com plantio de verduras, hortaliças em geral. Já plantamos mandioca, milho, batata-doce, açafrão, gengibre, inhame, frutíferas (pitanga, goiaba, caqui). Já colhemos as verduras, milho, batata-doce, quiabo e agora aguardando o restante. Fizemos todo o trabalho em mutirão. O sistema é muito bom, ocupa menos área e dá pra plantar tudo que a gente deseja pra se alimentar bem. Tá produzindo bem, mas o nosso único problema é irrigação principalmente pras verduras”.

Valdir Cabral Gonçalves, Afrovale
- Quilombo Peropava -
Registro/SP



“O sistema é bom porque a gente aproveita o pedacinho de terra que tem disponível pra plantar quase tudo. Antes a gente só plantava mandioca ou milho, agora varia, planta tudo num local só. É bom pra comunidade porque aproveita mais a terra, dali já sai o que a gente colhe e ainda fica as árvores frutíferas pro futuro. É bem melhor do que antes”.

Maria Izidoro Alves,
Afrovale - Quilombo
Peropava - Registro/SP

Projeto Agroflorestar: Vale do Ribeira

AÇÕES E RESULTADOS PARCIAIS

PRODUÇÃO AGROFLORESTAL

Implantação de sistemas agroflorestais (30 ha planejados e iniciados)

Manejo de sistemas agroflorestais (95 ha), com:

- utilização e disponibilização de equipamentos, sementes, mudas e insumos;
- realização de cursos e oficinas com enfoque nos sistemas agroflorestais inspirados na natureza;
- realização de intercâmbios e troca de experiências com grupos de agricultores/as e técnicos/as;
- assessoria técnica em conjunto com a CATI (CDRS)-EDR de Registro;
- incentivo ao pichirão (mutirão) em todas as fases: planejamento, implantação e manejo das áreas de agroflorestas.

CAPACITAÇÃO

- Realização de cursos relacionados a diversos temas (com apoio de parceiros);
- Atividades com estudantes (crianças e jovens) de escolas públicas (visitas, palestras);
- Implantação de Hortas Agroflorestais em escolas públicas.

PESQUISAS

Mensuração da dinâmica do carbono em sistemas agroflorestais em comparação com outros usos do solo na região.

Avaliação dos efeitos da adoção dos sistemas agroflorestais.

Análise financeira de sistemas agroflorestais.

Mapeamento cronológico da expansão de sistemas agroflorestais.

Otimização do manejo para palmito-juçara.

ORGANIZAÇÃO

Realização de reuniões e seminários.

PESSOAS ENVOLVIDAS ATÉ O PERÍODO:

Implantação e manejo de sistemas agroflorestais: **mais de 350 pessoas.**

Oficinas/intercâmbios: **400 pessoas.**

Capacitações em cursos: **mais de 650 pessoas.**

Estágios de vivência: **mais de 120 pessoas.**

Intercâmbios, visitas/vivências: **200 crianças e jovens.**

Implantação de hortas agroflorestais: **mais de 700 crianças e jovens.**

Palestras: **mais de 1.800 pessoas.**

Total de pessoas envolvidas: **mais de 4.300 pessoas.**





Realização



Apoio



Patrocínio

